

O REVISIONISMO NA HISTÓRIA DO BRASIL

Jonas de Moraes Correia Neto(*)

O revisionismo histórico

Entendemos por revisionismo histórico uma atividade cultural, em expansão acentuada, a qual consiste em revisar a História, tal como é reconhecida e acatada, a fim de reenxergá-la, sob diferente ótica, se possível com dados novos; reformulá-la, priorizando outras idéias, velhas ou novidades; reinterpretá-la segundo conceitos e direções pré-estabelecidos; e reapresentá-la, destacando as mudanças incluídas.

Essas mudanças, produzidas seja pela reconsideração de aspectos selecionados, seja pelo aparecimento (surgimento ou valorização) e pela utilização de elementos novos, ou quase, vão afetar determinadas noções das coisas históricas, modificando-as, de forma ora meramente complementar, até sem importância, ora mais profundamente, abalando a base do saber armazenado.

A revisão continuada da História é, sem dúvida, louvável, necessária, a partir daquilo que já se tem por certo, tudo no bojo da constante busca da exatidão histórica.

(*) O autor é General-de-Exército, historiador e 1º Vice-Presidente do IGHMB

Tal revisão, e algumas alterações que pode pretender impor, justifica-se, mas nem sempre. Não de modo absoluto. Não em qualquer caso, nem de qualquer maneira.

Toda sociedade, mormente as sociedades nacionais, tem natural anseio de poder se apoiar, sentimentalmente e modelarmente, na sua História pátria, que é a argamassa mais eficaz e durável da integridade social da nação; e que é o melhor esteio para a formulação e a execução de ações, nos âmbitos interno e externo, em demanda dos grandes objetivos nacionais.

As “novas provas” soam como os “fatos novos” da área judicial. Quando elas aparecem, permitem novas avaliações e novas conclusões, às vezes completamente opostas às convicções consolidadas. Isso é possível, é válido.

Se forem achadas novas provas de algum acontecimento histórico, deverão elas ser utilizadas, ainda que polêmicas?

Achamos que sim, deverão.

Faça-se o registro, proceda-se à análise com as técnicas recomendáveis, avalie-se a conveniência, a oportunidade, a forma da divulgação. Há muitas circunstâncias a serem consideradas – porém, nenhuma delas poderá ser a exploração ideológica, que

é capaz de inventar, de deformar, de usar meias verdades, de subverter.

Com honestidade e cautela, é possível conseguirem-se efeitos construtivos da difusão de uma novidade, ainda que com ressalvas. Se houver segundas intenções, precipitação, corre-se o risco de não oferecer nada de bom e de útil ao campo histórico, gerando descrença e perplexidade e corroendo a sinergia da estrutura social.

Entretanto, se a intenção novidadeira for exatamente essa, desestabilizadora, desfigurativa, haverá um nítido objetivo visado. Então, valerá tudo: desde o mais cínico “achamos” até a manipulação descarada de documentos apócrifos e forjados.

Na correta utilização de novos elementos, ou de novos enfoques de velhos fatos, é primordial a cautela a manter; e claro, admita-se como premissa a honestidade – de conhecimentos e de propósitos. A cautela levaria a se verificar, sobre os aspectos tratados, a credibilidade - fontes insuspeitas, melhor se forem primárias-, a apresentação - sem vaidades, sem ranços, sem preconceitos-, as decorrências - cascata cultural, com os reflexos educacionais, culturais, sociais e cívicos.

Será que vem ocorrendo assim, nesta onda persistente do chamado “revisonismo” na nossa História?

Parece-nos que nem sempre, e cada vez menos estamos vigiando e cuidando deste mal, à medida que o campo de ação vai-se alargando para

as colocações novas, que o interesse vai aumentando entre o público-alvo praticamente desarmado e que os recados – fruto do trabalho orquestrado em curso – vão abrindo seus caminhos, instalando-se nas mentes (sobretudo nas mais moças), gerando dúvidas, descréditos, questionamentos e, logo, novas certezas, nesta altura compreensíveis.

Revisonismo na História Militar do Brasil

A História Militar é um ramo relevante da História de uma nação, como o é da História Universal. Num país como o nosso, mais do que noutros, ela é tão entrelaçada com a História pátria que, a todo momento, torna-se difícil isolá-la.

O revisionismo na nossa HMB mostra-se bastante claro, no quadro amplo que estamos apreciando. No entanto, existem aqui dois condicionantes, que não se podem ignorar: um, generalizado no mundo (salvo, em parte, no Primeiro Mundo), traduzido no repúdio popular às soluções de força, às ações bélicas resultando, daí, má vontade para com as instituições castrenses e seus integrantes, os militares, marcado pela discussão, por ângulos mais e mais incisivos, da real importância da existência daquelas instituições, da sua maneira de ser e de agir típicas, *ipso facto*, dos servidores militares da nação, e pela avaliação do custo-benefício das Forças Armadas para os diversos países. O outro fator condicionante, conjuntural, brasileiro:

nossas Forças Armadas são, atualmente, as únicas instituições nacionais que, por sua definição legal, por suas características organizacionais e por sua força moral, tudo lhes valendo prestígio ímpar (comprovado em pesquisas insuspeitas), ainda têm capacidade de bloquear ações adversas, nocivas à ordem, ao bem público, à integridade territorial e a outros ideais permanentes.

A força moral merece destaque. Ela é tão essencial que, se chegar a ser destruída, dificilmente se recuperará, pelo menos não nos moldes em que a temos visto, em que a queremos. É por isso que nossos inimigos do Brasil tanto se esforçam por tentar abatê-la.

A força moral se afirma por um componente dinâmico e funcional – meios bélicos, instrução, adestramento, logística, liderança, etc; e por outro, íntimo, arraigado à alma militar, que é o orgulho profissional, o qual decorre da consciência do papel histórico das nossas Forças Armadas, bem como da sua missão. Ambos são preponderantes para o fiel cumprimento do dever. Um terceiro componente, interativo com os anteriores, é a impressão causada ao povo pelas atitudes exemplares das organizações militares e pelo procedimento irrepreensível do seu pessoal (apresentação, garbo, comportamento), resultando admiração, respeito, bem-querença.

A História Militar do Brasil tem papel fundamental na formação e na manutenção da consciência dos militares. Portanto, se as Forças

Armadas ainda são alvo prioritário de novos detratores (novos pelo momento, pela disposição, pelos processos), e elas de fato o são, imperioso lhes é enfraquecê-las, já que continuam sendo instrumentos e pilares da nação. Isso poderia ser conseguido, primeiro, pela diminuição gradual da capacitação profissional.. Simultaneamente, pelo desvalimento do orgulho de classe.

A História Militar do Brasil é um campo especialmente propício ao assalto cultural, em marcha paralela ao assalto político, dentro do esquema do “gramscismo” crioulo, em expansão quase sem barreiras.

A História Militar do Brasil está impregnada das clássicas noções do que é verdadeiro e do que é falso, do que é principal e do que é acessório, de direitos e deveres, de valores, de virtudes, de hierarquia e disciplina. Tal postura conduz ao culto dos grandes feitos e dos grandes homens, do general ao marinheiro, e à constituição de uma corrente poderosa, com elos de tradições firmes, íntegras.

Uma revisão de nossa História Militar teria de começar pelos questionamentos atualmente mais expostos, como sejam:

- são verdadeiros ou não os sucessos militares citados na História Militar do Brasil, tidos e celebrados como gloriosos?

- são verdadeiras ou não as qualidades humanas e profissionais de figuras festejadas na História como notáveis e mostradas como modelos?

De fato, o que se procura é pôr em xeque questões político-militares e mesmo operações militares em que estiveram engajados, ao longo de muitos anos, o Brasil e suas Forças Armadas. É o caso da participação brasileira na 2ª. Grande Guerra, bem como das intervenções e conflitos platinos, avultando a Guerra da Tríplice Aliança. E os comandantes e combatentes, dos vários lados.

Referência indispensável

Em janeiro de 1964, apareciam nos estabelecimentos de ensino e nas livrarias os primeiros volumes de uma coleção oficial. Eram cinco folhetos, com cerca de cem folhas apenas. A iniciativa era do Ministério da Educação de então. Em todos, lê-se uma mesma abertura dos autores sobre as intenções da coleção: “para a reformulação do ensino da História em nosso país”. Os livros seriam entregues “a professores e estudantes”, acrescentando-se esperar deles que “de uma nova reflexão sobre os dados componentes de nossa História se passe de imediato àquela ação capaz de dar ao povo brasileiro o Brasil pelo qual ele realmente anseia”. Qual ação? Qual anseio?

Os autores eram seis: cinco alunos da então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil coordenados por um professor, conhecido, na época, por sua postura marxista-stalinista. Usaram os chavões típicos dessa linha de pensamento político.

Qual a verdadeira intenção?

Passaram-se 40 anos. No entanto... Pouco a pouco, voltamos a ter uma problemática muito parecida. Os tempos são outros, sim. Mas notamos que há armas novas servindo para velhos ataques. Dos processos reconhecíveis do tempo da “guerra fria”, chegou-se aos procedimentos subreptícios sugeridos por Gramsci e que estão em plena prática, com a virulência que possuem. O revisionismo que estamos abordando inclui-se nesta moldura.

Desenvolvimento do “revisionismo histórico”

Estamos convencidos da ocorrência de um projeto de revisionismo da História brasileira, não inocente, não patriótico, mas a serviço de ressurgente causa ideológica.

Os revisionistas mais atuantes são professores (plantadores), estudantes (repetidores), historiadores (e historiógrafos), escritores, jornalistas, editores e artistas (até para estar “na onda”). Os alvos compensadores são professores, estudantes – e os jovens em geral, por serem mais permeáveis –, e minorias – raciais, culturais, sociais e outras.

Os meios de comunicação utilizados são, praticamente todos, especialmente os informativos e didáticos de maior penetração: livros, folhetos, plaquetes, romances históricos e livros de ficção, apostilas escolares, jornais (articulistas, cadernos especializados), revistas (destaque para as diversas revistas

especializadas), rádio (setor hoje dominado por entidades religiosas), redes de televisão (com mensagens freqüentes, em programas especiais, em “pílulas” ocasionais e até subliminarmente), cinema, etc.

É claro que aqui têm de ser considerados, como processos pedagógicos aproveitados, as aulas, palestras, simpósios e outros meios, de preferência valorizando-se os debates, para melhor consolidação.

Além desses, podem ser usados, como vias de comunicação bem enfáticas, porque permanentemente à vista, os monumentos e os nomes de logradouros (novos ou mudados).

O revisionismo na História Militar do Brasil, no decurso de muitos anos, tem-se detido em diferentes temas, uns mais importantes, de envergadura, outros mais limitados. Vejamos alguns.

I. Guerra Holandesa

Há muitos questionamentos: brasilidade; correção das chefias luso-brasileiras (e espanholas); prioridades dos líderes, em face dos interesses pessoais; Calabar traidor? Etc.

II. Guerra da Tríplice Aliança

Os motivos da guerra são apresentados como injustos para com o Paraguai, mostrado como vítima indefesa, atacado em obediência à imposição da Inglaterra. Teríamos aniquilado um país cujo progresso fazia sombra ao Brasil... Então, tudo que fizemos para enfrentar os ataques que sofremos, todos os sacrifícios materiais e humanos, todos os heroísmos, tudo

deve ser visto como vergonha para o Brasil. Não se reconhece nenhuma glória para nós, mas se reconhece para os nossos adversários de então, imolados no “genocídio” do seu povo (como afirmou um escritor fraudulento, em obra que ainda serve de referência e é acreditada no meio educacional). Esta campanha é tanto mais grosseira, mentirosa e infame, quanto sabemos que, no Paraguai, já é expressivo o movimento cultural pela desmistificação dos procedimentos paraguaios no conflito, bem como do próprio mito de Solano López. Interessante: o revisionismo de lá é menos por novas interpretações do que pela liberação de opiniões, antes existentes, porém vedadas pela censura.

Em todos os casos, sente-se que as farpas são direcionadas para as Forças Armadas e os militares, a fim de machucar, baixar o moral, cindir, fragilizar, dificultar tomadas de posições corretas, diante da pressão de preço, e limitar a capacidade de agir, devido a possíveis dúvidas sobre onde está o exato cumprimento do dever.

III. O Brasil na 2ª Guerra Mundial

Procura-se desmerecer a atuação das Forças Armadas, em particular da FEB, durante o conflito. Procura-se desqualificar comandantes, ressaltar deficiências, orquestrar fracassos, mostrar fraquezas do soldado brasileiro ao invés de exaltar as vitórias, as virtudes praticadas, a superação conseguida sobre as próprias vicissitudes.

VI – Movimento de 1964 e Governos Militares

São distorcidas, não reconhecidas as razões da participação militar no movimento de 64. O período autoritário que ficou conhecido como dos governos militares é apresentado como a “ditadura”, os “anos de chumbo”. Há sistemática negação ou minimização dos sucessos e das conquistas do país no período. Há repetição exaustiva de acusações de violência, torturas, repressão e censura. Procura-se colocar a opinião pública contra os militares e romper a coesão institucional, dando a entender que as Forças Armadas de hoje são “outras”... (isto tem sido pouco observado). Enfim, através de estórias, submetem o militar a uma discriminação velada e injusta.

Alguns temas menores têm sido explorados: a Revolta da Chibata, promovendo a figura do discutível “Almirante negro” João Cândido; os inúmeros conflitos internos (daqueles que Hermani Donato pôs em “Batalhas brasileiras”) quais sejam, revoltas nativistas, Balaiada, movimento liberal de 1842, Revolução Farroupilha, Revolução Federalista de 1893, Canudos, Contestado e muitos outros, nos quais lança-se suspeitas, específicas ou veladas, sobre figuras militares renomadas, seus procedimentos e méritos.

No espaço sócio-cultural do país, existem muitos movimentos atuando, com maior ou menor

capacidade. Alguns têm objetivos imediatos bem marcados, como o movimento negro unificado e os ecologistas e ambientalistas, esses entre os mais combativos.

A partir deles, surgem personagens, antigos e recentes, os quais passam a ser festejados, endeusados, sem maior análise do seu real valor, porém emblemáticos para os objetivos imediatos desses grupos; são apresentados ao povo como “heróis”. Zumbi, Calabar, Lampião, Prestes, Lamarca, Chico Mendes, Betinho; e vários outros, que são personagens presentes na história, mas que não se qualificaram para tal tratamento destacado. E os heróis tradicionais, os que se tornaram verdadeiros exemplos para os pósteros, esses irão desaparecendo devagar, naturalmente, pela apresentação sistemática- de uma “história nova”, “não oficial”.

No andamento deste processo mudador, que é o revisionismo, costumam ser ditas e repetidas “verdades” que estão longe demais dos fatos históricos tal como estão registrados em fontes primárias ou como se consolidaram na memória nacional através da história oral do povo. E elas vão ganhando força de verdade, manchando definitivamente a História do Brasil. Perdem-se as referências morais e éticas da Nação, avilta-se o passado e compromete-se a brasilidade, destruindo irremediavelmente o futuro da Pátria.

Conclusão

Desejo ter contribuído para trazer alguma luz ao assunto “revisão histórico”, que é atual e merece nossa atenção.

Poderíamos dizer que há o bom e há o mau revisão. Ambos os tipos se fazem presentes no dinamismo dos estudos históricos e da sua utilização. O revisão bom deve ser apoiado, incentivado, aproveitado, mostrado, pois que é correto, é construtivo. O mau tem de ser combatido e respondido, pois é movido por razões políticas menores que não convêm à Nação.

O revisão procedido segundo os padrões recomendáveis ao trato dos assuntos históricos é fator de aprimoramento cultural e cívico, mesmo quando possa desagradar a alguém ou a algum grupo ou classe.

O séc. XX, após a 2ª Guerra Mundial, viu aparecer aquela espécie

de revisão, que foi arma de subversão global. Para os conhecedores das táticas do tempo da “guerra fria”, a presença daquele fermento era facilmente comprovada.

Atualmente, os modos de agir são outros. Mesmo para quem está ciente da nova estratégia, em meio a tantos avanços da modernidade, nem sempre fica fácil e tranqüila a identificação dos agentes e dos objetivos envolvidos no revisão histórico.

Minha tarefa, nesta abertura do ano cultural do IGHMB, era a de apresentar um quadro do revisão histórico aplicado particularmente à História Militar do Brasil. Apresentar um equacionamento que pudesse servir para melhor compreensão e acompanhamento de sua prática e efeitos. Foi uma abordagem ligeira, um primeiro toque no assunto. Tudo quanto disse, disse porque acho verdadeiro. Tomara que tenha sido instigante.